



**"O Sentimento dum ocidental"**  
Cesário Verde

## Poema longo – quarenta e quatro quadras

### Estruturação:

I – Ave-Marias

II – Noite fechada

III – Ao gás

IV – Horas Mortas

O poeta deambula pela cidade de Lisboa desde o anoitecer até à madrugada.

Vê, sente e descreve os males da civilização ocidental, urbana e industrial.

O poeta faz uma viagem no tempo e no espaço:

- começa perto do Tejo e vai-se embrenhando na cidade;
- inicia o seu percurso, ao fim da tarde, e termina já de madrugada.

## Parte I – Ave-Marias (18h)

O poeta descreve o movimento da cidade ao cair da noite, que desencadeia a sua reflexão e introspeção.

Nas nossas ruas, ao anoitecer,

Há tal soturnidade, há tal melancolia,

Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia

Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,

O gás extravasado enjoa-me, perturba;

E os edifícios, com as chaminés, e a turba

Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem carros de aluguer, ao fundo,

**Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!**

Ocorrem-me em revista, exposições, países:

Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,

As edificações somente em madeiradas:

Como morcegos, ao cair das badaladas,

**Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.**

Voltam os **calafates**, aos **magotes**,

De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;

Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,

Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as **crónicas navais**:

Mouros, baixéis, **heróis**, tudo ressuscitado!

Luta **Camões** no Sul, salvando um livro a nado!

**Singram soberbas naus** que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!

De um couraçado inglês vogam os escaleres;

E em terra num tinir de louças e talheres

Flamejam, ao jantar alguns hotéis da moda.

(...)

Vazam-se os arsenais e as oficinas;

Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;

E num **cardume negro**, hercúleas, galhofeiras,

Correndo com firmeza, assomam **as varinas**.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!

Seus troncos varonis recordam-me pilastras;

E algumas, à cabeça, embalam nas canastras

Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

**Descalças!** Nas descargas de carvão,

Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;

E apinham-se num bairro aonde miam gatas,

E o peixe podre gera os focos de infeção!

## Parte II – Noite fechada

O poeta percorre a cidade de noite, reparando nos movimentos e luminosidade das ruas. Intensifica-se a descrição das sensações negativas do sujeito poético.

Toca-se às **grades, nas cadeias**. Som

Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!

**O aljube**, em que hoje estão velhinhas e crianças,

Bem raramente encerra uma mulher de “dom”!

E eu desconfio, até, de um aneurisma

Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;

**À vista das prisões**, da velha Sé, das Cruzes,

Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

(...)

Na parte que abateu no terremoto,

**Muram-me** as construções retas, iguais, crescidas;

Afrontam-me, no resto, as **íngremes subidas**,

E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,

Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,

**Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,**

**Um épico doutro ascende, num pilar!**

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,

Nesta acumulação de corpos enfezados;

Sombrios e espectrais recolhem os soldados;

Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Triste cidade! Eu temo que me avives

Uma paixão defunta! (...)

E eu, de luneta de uma lente só,

Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:

## Parte III – Ao gás

O poeta sente-se oprimido perante os cenários de miséria e degradação circundantes.

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos  
Passeios de lajedo arrastam-se as **impuras**.

(...)

### **As burguesinhas do Catolicismo**

Resvalam pelo chão minado pelos canos;

(...)

E eu que medito um livro que exacerbe,  
Quisera que o real e a análise mo dessem;

(...)

Longas descidas! Não poder pintar  
Com versos magistrais, salubres e sinceros,

(...)

**Mas tudo cansa!** Apagam-se nas frentes

Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;

Da solidão regouga um cauteleiro rouco;

Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

“Dó da miséria!... Compaixão de mim!...”

E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,

**Pede-me esmola um homenzinho idoso,**

**Meu velho professor nas aulas de Latim!**



## Parte IV – Horas Mortas

O poeta deambula por uma cidade às escuras. Deseja a perfeição e a eternidade, alenta-se com uma possível aliança ao coletivo e ao sonho de uma raça futura, euforia que pouco dura. Termina num tom disfórico que abarca todo o coletivo.

O teto fundo de oxigênio, de ar,  
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;  
**Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,**  
**Enleva-me a quimera azul de transmigrar.**

(...)

**Se eu não morresse, nunca! E eternamente  
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!**

Esqueço-me a prever castíssimas esposas,  
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,  
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!

Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,  
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,  
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,  
Nós vamos explorar todos os continentes  
E pelas vastidões aquáticas seguir!



**Mas se vivemos, os emparedados,**  
Sem árvores, no vale **escuro das muralhas!**...  
Julgo avistar, na **treva**, as folhas das **navalhas**  
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.  
(...)

E, enorme, nesta massa irregular  
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,  
A **dor humana** busca os amplos horizontes,  
E tem **marés, de fel, como um sinistro mar!**

